

## Ciência e Tecnologia

---

Hoje às 12h14 - Atualizada hoje às 12h21

# ANM apresenta as conclusões do simpósio "O Direito de morrer"

*Jornal do Brasil*

O Simpósio que discutiu "O Direito de Morrer", assunto polêmico e difícil, promovido pela Academia Nacional de Medicina, foi concebido pelo seu Presidente, Acadêmico Francisco J. B. Sampaio, com o intuito de permitir a discussão de temas tão presentes na nossa realidade, e que são de difícil abordagem, mesmo no meio médico. Foi solicitado a dois grandes experts, conhecidos nacionalmente, Acadêmicos Daniel Tabak (Oncologista) e José de Jesus Camargo (Transplantador de Pulmão), que organizassem a discussão, que lotou as dependências desta que é a entidade cultural e científica mais antiga do país.

Cerca de 250 pessoas compareceram ao Simpósio que aconteceu na última 5ª feira, 26 de novembro, e teve a duração de seis horas, estendendo-se das 14 às 20 horas.

Tabak fez um histórico do problema, lembrando que a preocupação com a "qualidade da morte" representa um dos grandes temas da atualidade. Os números são eloquentes. Nos próximos anos, pela primeira vez, o número de indivíduos com mais de 65 anos ultrapassará o número de crianças com idade inferior a cinco anos. Em 2030, um em cada oito habitantes do planeta terá mais de 65 anos. Estes números serão ainda mais dramáticos nos países em desenvolvimento e extremamente preocupantes à medida que nos aproximamos do final da vida.

### >> O direito de morrer: um debate sobre saúde e dignidade

De fato, observamos uma maior longevidade na população mundial principalmente associada a uma menor taxa de doenças infecciosas. Desta forma, as doenças crônicas como o câncer, doenças cardiovasculares e a demência constituem hoje o maior desafio para a promoção da saúde global.

O cuidado com os indivíduos ao final da vida deveria ser uma preocupação concreta de todos os governantes comprometidos com o aprimoramento da qualidade de vida de todos os cidadãos. O cenário atual ainda é bem distante da realidade, principalmente em nosso país.

As questões referentes à terminalidade da vida nunca receberam a devida importância nos currículos das escolas médicas. Frequentemente a questão é deixada em segundo plano, como se a morte fosse opcional.

A tecnologia hoje utilizada no cuidado de pacientes graves permite salvar vidas de indivíduos que certamente não resistiriam nas mesmas condições quando tratados no passado. Estes avanços também contribuíram, infelizmente, para a medicalização da morte: a manutenção da vida a qualquer preço, principalmente com a introdução de medidas fúteis que não impedem a morte: apenas prolongam o processo de morrer.

Dividido em três blocos, o Simpósio discutiu envelhecimento e finitude; cuidados paliativos no Brasil; questões que envolvem a forma de morrer; além de uma instigante discussão a respeito da “morte assistida por médicos” ou “suicídio assistido” como se denomina em alguns países.

Neste Simpósio, sob a coordenação do Acadêmico Ricardo Cruz, foi realizado em vários momentos, interatividade com os presentes, através de perguntas e sistema eletrônico com possibilidade de respostas imediatas pela plateia, o que permitiu verificar várias questões interessantes que facilitaram as conclusões do evento.

? Cerca de 88% dos presentes eram ligados à área de saúde e apenas 12% eram leigos.

? Um terço dos presentes tinha mais de 60 anos e mais da metade (53%) tinha idade superior a 50 anos.

? Dois terços da plateia revelaram que já

viveram ou vivenciam no momento a situação de parentes muito próximos com doença crônica ou mesmo terminal, e manifestaram muitas dúvidas sobre a questão que envolve o quão adequado seria que estes pacientes tenham ou não conhecimento pleno de seus prognósticos, além do melhor tratamento que lhes deveria ser sugerido.

? A convicção de que as habilidades de um médico experiente e dedicado, seja fator fundamental para o alívio físico e emocional dos pacientes ficou patente nas pesquisas realizadas através da interatividade.

? Os aspectos que envolvem a velhice foram discutidos e também apresentaram resultados muito “divididos”.

? Cuidados paliativos ao fim da vida foram aprovados pela maioria dos presentes, embora cerca de 30% não soubesse com clareza da existência desta possibilidade terapêutica que, cada vez mais, é difundida no mundo com grande importância. Ficou claro, entretanto, que os presentes entendem a necessidade de um adequado preparo por parte dos profissionais de saúde para que as habilidades no lidar com doentes terminais sejam as mais adequadas possíveis.

? A maioria dos presentes confia nas decisões médicas, considerando que elas são tomadas, de maneira geral, com acerto e visando o melhor para o paciente.

? Questões como dignidade na morte; cuidados hospitalares X cuidados domiciliares e a morte assistida pelos médicos também foram avaliadas, ficando claro a nosso ver que o bom senso dos médicos especialistas aliado a uma adequada escuta do paciente e de seus familiares é vital.

A Academia Nacional de Medicina se regozija de mais uma vez trazer um tema tão polêmico e importante à discussão com a comunidade.

---

Compartilhe:



Tweet